Sképsis: Revista de Filosofia
ISSN 1981-4534
Vol. XVII, N. 33, 2026, p. 138-150

SEXTO EMPÍRICO SOBRE "DEUS" COMO CAUSA EFICIENTÍSSIMA (TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO DE *ESBOÇOS PIRRÔNICOS* 3.1-12).

Introdução, tradução e comentário:
Rodrigo Pinto de Brito
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/CNPq[1]
Email: www.rodrigobrito@gmail.com

Gabriel Geller Xavier
Universidade Federal de Ouro Preto
Email: gabriel.xavier@ufop.edu.br

Resumo: Tradução para o português de Sexto Empírico, *Esboços Pirrônicos* 3.1-12, bilíngue, com introdução e breve comentário. Neste trecho, Sexto Empírico aborda a ideia de "deus" como a mais eficiente das causas, revela em que medida o cético pode ter uma religião e toca no problema dos atributos.

Palavras-chave: Pirronismo; Sexto Empírico; Esboços Pirrônicos; Deus; Causa Eficiente.

Abstract: Brazilian Portuguese translation of Sextus Empiricus' *Outlines of Pyrrhonism* 3.1-12, with an introduction and a brief commentary. In this excerpt, Sextus Empiricus addresses the idea of "God" as the most efficient of causes, reveals to what extent a skeptic can have a religion, and touches on the problem of attributes.

Keywords: Pyrrhonism; Sextus Empiricus; Outlines of Pyrrhonism; God; Efficient Cause.

1 Introdução

O excerto de *Esboços Pirrônicos* que segue traduzido abaixo corresponde aos 12 primeiros passos do terceiro livro da obra, nos quais Sexto aborda o problema da existência de deus. Apesar de pequeno, o trecho tem aspectos muito interessantes, que passamos a descrever, sem pretendermos ser exaustivos.

Primeiramente, diferentemente de nossa sensibilidade moderna, em Sexto, e nos antigos de modo geral, a existência de deus também é um tema da ordem da física, já que deus seria, em metafísica, a causa eficiente suprema e, portanto, de onde, em última instância, provém todo o processo causal no mundo sublunar. Assim, aqui em *Esboços Pirrônicos*, a questão da existência de deus serve de abertura à parte da obra que vai do passo 1 do Livro III ao passo 167, que corresponde a *Contra os Físicos*.

Em segundo lugar, como deus é a causa eficiente derradeira, uma discussão sobre sua existência requer uma discussão sobre a existência das causas. Portanto,

[1] Esta pesquisa foi financiada em parte pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

em Sexto, as aporias acerca da existência de deus são o preâmbulo das aporias etiológicas que perfazem boa parte do Livro 3 de *Esboços* e que correspondem aos 8 tropos de Enesidemo contra os etiologistas, expandido-os (*PH* 1.180-186).

Ademais, no trecho abaixo Sexto também aborda o tema da corporeidade/incorporeidade de deus, adiantando as aporias que encaminhará, ainda neste Livro III, contra as teorias Estoicas acerca da existência dos corpóreos e dos incorpóreos. Este tema da corporeidade/incorporeidade, por sua vez, se liga à questão do antropomorfismo e a dos atributos. Somados, os problemas sobre a corporeidade, a forma de deus e dos atributos têm uma rica fortuna na história da filosofia, como se pode ver na obra crucial de Moisés Maimônides, o *Guia dos Perplexos*, para dar um único exemplo.

Finalmente, no trecho traduzido, Sexto propõe uma argumentação em que ataca as teorias dogmáticas acerca da existência de deus, concluindo que são tantas as aporias sobre sua existência e sobre como ela seria que, quanto ao assunto, se é levado a suspender o juízo. Satiricamente, como de praxe em Sexto, a seção encerra com o argumento, de franco espírito epicurista, de que se for aceito que deus é causa eficiente de tudo, deve-se aceitar a conclusão de que ele também é causa dos males e de que isso seria impiedade. Mas, não obstante suas invectivas, deve-se salientar que Sexto diz que as aporias por ele suscitadas não implicam que ele (colocando-se no plural, portanto, aparentemente falando em nome de um grupo) é um ateu. Pelo contrário, como já demonstramos outrora, que sua aceitação à existência dos deuses vincula-se a uma percepção da importância da religião cívica para manutenção da coerência comunitária, mas sem que isso requeira uma teoria sobre a existência dos deuses[2].

2 Nota Prévia

Este trabalho é parte do projeto de tradução completa de *Esboços Pirrônicos*, feita por Rodrigo Pinto de Brito e Rafael Huguenin, e algumas seções da obra já foram publicadas[3]. Atualmente, estamos nos estágios de revisão, feita por Roberto Bolzani Filho, e de anotação, feita por Gabriel Geller Xavier.

A tradução que se segue foi feita a partir da edição de Mutschmann (1912), porém cotejada com a edição de Bekker (1842), que, aliás, não divide a obra em capítulos.

Boa leitura e divirtam-se.

3 Sexto Empírico, *Esboços Pirrônicos*, 3.1-12

(1) Περὶ μὲν <οὖν> τοῦ λογικοῦ μέρους τῆς λεγομένης φιλοσοφίας ὡς ἐν ὑποτυπώσει τοιαῦτα ἀρκούντως λέγοιτο ἄν·

(1) <Então> sobre a parte [da] lógica da chamada filosofia, o que dissemos deve bastar como um esboço.

[2] Ver: BRITO, 2025.

[3] Por exemplo, o Livro I inteiro de *Esboços* foi publicado como parte da minha tese de Doutorado em Linguística (BRITO, 2024). Versões alternativas de trechos do Livro I foram publicadas em revistas: o que corresponde aos 10 tropos de Enesidemo, em parceria com Rafael Huguenin (BRITO & HUGUENIN, 2020); assim como o que corresponde à análise Sexteana da filosofia dos Acadêmicos (BRITO & HUGUENIN, 2019); os cinco modos de Agripa foram publicados em 2024 (BRITO, HUGUENIN & SMITH, 2024); há ainda uma tradução alternativa exclusivamente para o primeiro tropo de Enesidemo, sobre os animais (BRITO, 2018).

α΄ περὶ τοῦ φυσικοῦ μέρους.

Κατὰ δὲ τὸν αὐτὸν τρόπον τῆς συγγραφῆς καὶ τὸ φυσικὸν μέρος αὐτῆς ἐπιόντες οὐ πρὸς ἕκαστον τῶν λεγομένων αὐτοῖς κατὰ τόπον ἀντεροῦμεν, ἀλλὰ τὰ καθολικώτερα κινεῖν ἐπιχειρήσομεν, οἷς συμπεριγράφεται καὶ τὰ λοιπά. ἀρξώμεθα δὲ ἀπὸ τοῦ περὶ ἀρχῶν λόγου.

1- Sobre a parte da física

A seguir empregaremos o mesmo método argumentativo em nosso texto sobre a parte física: não falaremos contra cada coisa que eles dizem tópico a tópico, mas tentaremos chacoalhar os mais gerais, nos quais os restantes estão circunscritos. Comecemos então pelo argumento sobre os princípios.

β΄ περὶ ἀρχῶν δραστικῶν.

Καὶ ἐπειδὴ παρὰ τοῖς πλείστοις συμπεφώνηται τῶν ἀρχῶν τὰς μὲν ὑλικὰς εἶναι, τὰς δὲ δραστικάς, ἀπὸ τῶν δραστικῶν τὴν ἀρχὴν τοῦ λόγου ποιησόμεθα· ταύτας γὰρ καὶ κυριωτέρας τῶν ὑλικῶν φασιν εἶναι.

2- Sobre os princípios ativos

E uma vez que foi acordado por muitos que dos princípios, uns são materiais, outros ativos, façamos dos ativos o princípio do nosso argumento; pois dizem que estes são mais importantes que os materiais.

γ΄ περὶ θεοῦ.

(2) Οὐκοῦν ἐπεὶ θεὸν εἶναι δραστικώτατον αἴτιον οἱ πλείους ἀπεφήναντο, πρότερον περὶ θεοῦ σκοπήσωμεν, ἐκεῖνο προειπόντες, ὅτι τῷ μὲν βίῳ κατακολουθοῦντες ἀδοξάστως φαμὲν εἶναι θεοὺς καὶ σέβομεν θεοὺς καὶ προνοεῖν αὐτούς

3- Sobre deus

(2) Uma vez então que muitos declararam que deus é a causa mais ativa de todas, examinemos primeiro deus, [mas] de antemão declaramos quanto a isso que,

φαμεν, πρὸς δὲ τὴν προπέτειαν τῶν δογματικῶν τάδε λέγομεν.

seguindo a vida inopinadamente[4], dizemos que há deuses e que somos piedosos quanto aos deuses, e dizemos que são providentes, mas contra a precipitação dos dogmáticos argumentamos do seguinte modo.

Τῶν ἐννοουμένων ἡμῖν πραγμάτων τὰς οὐσίας ἐπινοεῖν ὀφείλομεν, οἷον εἰ σώματά ἐστιν ἢ ἀσώματα. ἀλλὰ καὶ τὰ εἴδη· οὐ γὰρ ἄν τις ἵππον ἐννοῆσαι δύναιτο μὴ οὐχὶ πρότερον τὸ εἶδος τοῦ ἵππου μαθών. τό τε ἐννοούμενον ἐννοεῖσθαί που ὀφείλει.

Nós temos que conceber as substâncias das coisas que são pensadas, por exemplo se são corpóreas ou incorpóreas, mas também a sua forma; pois não seria possível conceber um cavalo sem antes termos aprendido a forma do cavalo. E também o que é concebido deve ser concebido de algum lugar.

(3) ἐπεὶ οὖν τῶν δογματικῶν οἱ μὲν σῶμά φασιν εἶναι τὸν θεόν, οἱ δὲ ἀσώματον, καὶ οἱ μὲν ἀνθρωποειδῆ, οἱ δὲ οὔ, καὶ οἱ μὲν ἐν τόπῳ, οἱ δὲ οὔ, καὶ τῶν ἐν τόπῳ οἱ μὲν ἐντὸς κόσμου, οἱ δὲ ἐκτός, πῶς δυνησόμεθα ἔννοιαν θεοῦ λαμβάνειν μήτε οὐσίαν ἔχοντες αὐτοῦ ὁμολογουμένην μήτε εἶδος μήτε τόπον ἐν ᾧ εἴη; πρότερον γὰρ

(3) Uma vez então que alguns dos dogmáticos dizem, por um lado, que deus é corpóreo, e outros, por outro lado, que é incorpóreo, e uns [dizem] que tem forma humana, outros que não, uns que [existe] em um espaço, outros que não – e dos que [dizem que existe] em um espaço, [que existe] dentro do cosmos, outros [que existe] fora – como podemos apreender uma concepção de deus se não há acordo sobre a sua substância, nem

[4] O termo 'inopinadamente' traduz 'adoxastōs', que faz parte do elenco de termos técnicos empregados por Sexto e que significa ausência de compromisso opinativo, sem opinião ou sem assentimento dogmático, conforme o prefixo *a-* privativo indica. A escolha de traduzir pelo advérbio 'inopinadamente' preserva tanto o prefixo *a-* privativo de *adoxastōs* no prefixo *in-*, quanto a já consolidada tradução latina de *dóxa* por 'opinião'. Cabe destacar que, por ser um termo técnico do vocabulário sextiano, 'inopinadamente' não deve ser compreendido neste contexto como em seu uso dicionarizado corrente como 'inesperadamente' ou 'subitamente'.

ἐκεῖνοι ὁμολογησάτωσάν τε καὶ συμφωνησάτωσαν, ὅτι τοιόσδε ἐστὶν ὁ θεός, εἶτα ἡμῖν αὐτὸν ὑποτυπωσάμενοι οὕτως ἀξιούτωσαν ἡμᾶς ἔννοιαν θεοῦ λαμβάνειν. ἐς ὅσον δὲ ἀνεπικρίτως διαφωνοῦσιν, τί νοήσομεν ἡμεῖς ὁμολογουμένως παρ' αὐτῶν οὐκ ἔχομεν.

sobre sua forma, nem sobre o lugar em que ele estaria? Que eles primeiro cheguem a um acordo e também a um consenso de que deus é de determinado modo, e então tendo-o esboçado para nós, aí demandem-nos a apreensão da concepção de deus. Mas enquanto discordarem sem solução, nós não temos algo acordado por eles para aquilo que concebemos.

(4) ἀλλ' ἄφθαρτόν τι, φασί, καὶ μακάριον ἐννοήσας, τὸν θεὸν εἶναι τοῦτο νόμιζε. τοῦτο δέ ἐστιν εὔηθες· ὥσπερ <γὰρ> ὁ μὴ εἰδὼς τὸν Δίωνα οὐδὲ τὰ συμβεβηκότα αὐτῷ ὡς Δίωνι δύναται νοεῖν, οὕτως ἐπεὶ οὐκ ἴσμεν τὴν οὐσίαν τοῦ θεοῦ, οὐδὲ τὰ συμβεβηκότα αὐτῷ μαθεῖν τε καὶ ἐννοῆσαι δυνησόμεθα.

(4) Mas, dizem, tendo concebido algo incorruptível e abençoado, considere-o como sendo deus. Mas isso é tolice; <pois> assim como quem não conhece Dio não é capaz de conceber os atributos dele como Dio, do mesmo modo, uma vez que não conhecemos a substância de deus, tampouco somos capazes de aprender e de conceber seus atributos.

(5) χωρὶς δὲ τούτων εἰπάτωσαν ἡμῖν, τί ἐστι τὸ μακάριον, πότερον τὸ ἐνεργοῦν κατὰ ἀρετὴν καὶ προνοούμενον τῶν ὑφ' ἑαυτὸ τεταγμένων, ἢ τὸ ἀνενέργητον καὶ μήτε αὐτὸ πράγματα ἔχον μήτε ἑτέρῳ παρέχον· καὶ γὰρ καὶ περὶ τούτου διαφωνήσαντες ἀνεπικρίτως ἀνεννόητον ἡμῖν πεποιήκασι τὸ μακάριον, διὰ δὲ τοῦτο καὶ τὸν

(5) Mas não obstante isso, que nos digam o que é o “abençoado”, se, das duas uma, ou é a ação de acordo com a virtude e com a precognição do que é ordenado a si próprio, ou é a inação e não causar desassossego nem para si nem para os outros; pois também sobre isso há discordância sem solução, tornando o “abençoado” incognoscível para nós, e por isso também deus.

θεόν.

(6) Ἵνα δὲ καὶ ἐπινοῆται ὁ θεός, ἐπέχειν ἀνάγκη περὶ τοῦ πότερον ἔστιν ἢ οὐκ ἔστιν, ὅσον ἐπὶ τοῖς δογματικοῖς. τὸ γὰρ εἶναι τὸν θεὸν πρόδηλον μὲν οὔκ ἐστιν. εἰ γὰρ ἐξ ἑαυτοῦ προσέπιπτεν, συνεφώνησαν ἂν οἱ δογματικοί, τίς ἐστι καὶ ποδαπὸς καὶ ποῦ· ἡ ἀνεπίκριτος δὲ διαφωνία πεποίηκεν αὐτὸν ἄδηλον ἡμῖν εἶναι δοκεῖν καὶ ἀποδείξεως δεόμενον.

(6) Mas ainda que deus seja concebido, deve-se necessariamente suspender o juízo sobre se existe ou não existe, no que diz respeito aos dogmáticos. Pois, de fato, deus existir não é algo evidente. Pois se deu-se a nós por si mesmo, os dogmáticos estariam de acordo sobre o que ele é, de que tipo é e onde [está]; mas a discordância insolúvel o faz parecer ser não-evidente para nós e carecendo de prova.

(7) ὁ μὲν οὖν <ἀποδεικνύων> ὅτι ἔστι θεός, ἤτοι διὰ προδήλου τοῦτο ἀποδείκνυσιν ἢ δι' ἀδήλου. διὰ προδήλου μὲν οὖν οὐδαμῶς· εἰ γὰρ ἦν πρόδηλον τὸ ἀποδεικνύον ὅτι ἔστι θεός, ἐπεὶ τὸ ἀποδεικνυόμενον πρὸς τῷ ἀποδεικνύντι νοεῖται, διὸ καὶ συγκαταλαμβάνεται αὐτῷ, καθὼς καὶ παρεστήσαμεν, πρόδηλον ἔσται καὶ τὸ εἶναι θεόν, συγκαταλαμβανόμενον τῷ ἀποδεικνύντι αὐτὸ προδήλῳ ὄντι. οὔκ ἐστι δὲ πρόδηλον, ὡς ὑπεμνήσαμεν· οὐδὲ ἀποδείκνυται ἄρα διὰ προδήλου.

(7) Então, quem <prova> que deus existe, faz essa prova por meio ou de algo evidente ou de algo não-evidente. E certamente não por meio de algo evidente. Pois se a prova de que deus existe fosse evidente, uma vez que o que é provado é concebido juntamente com o que o prova, e por isso é apreendido junto com ele [i.e. com o que prova], como estabelecemos, a existência de deus também seria evidente, tendo sido apreendida junto com o evidente que a prova. Mas não é evidente, como lembramos; portanto, não é provada por algo evidente.

(8) ἀλλ' οὐδὲ δι' ἀδήλου. τὸ γὰρ ἄδηλον τὸ ἀποδεικτικὸν τοῦ εἶναι θεόν, ἀποδείξεως χρῄζον, εἰ μὲν διὰ προδήλου λέγοιτο ἀποδείκνυσθαι, οὐκέτι ἄδηλον ἔσται ἀλλὰ πρόδηλον [τὸ εἶναι θεόν]. οὐκ ἄρα τὸ ἀποδεικτικὸν αὐτοῦ ἄδηλον διὰ προδήλου ἀποδείκνυται. ἀλλ' οὐδὲ δι' ἀδήλου· εἰς ἄπειρον γὰρ ἐκπεσεῖται ὁ τοῦτο λέγων, αἰτούντων ἡμῶν ἀεὶ ἀπόδειξιν τοῦ φερομένου ἀδήλου πρὸς ἀπόδειξιν τοῦ προεκκειμένου. οὐκ ἄρα ἐξ ἑτέρου δύναται ἀποδείκνυσθαι τὸ εἶναι θεόν.

(8) Tampouco por algo não-evidente. Pois o não-evidente que prova que deus existe carece de prova; de fato, se se disser que algo [não-evidente] é provado por algo evidente, não será mais não-evidente, mas evidente. Portanto, o não-evidente que prova [a existência de deus] não é ele próprio provado por algo evidente. Mas tampouco por algo não-evidente; quem disser isso recairá em um regresso ao infinito, [pois] nós sempre pediremos uma prova para o não-evidente trazido como prova do [não-evidente] anterior. Portanto, a existência de deus não pode ser provada a partir de qualquer outra coisa.

(9) εἰ δὲ μήτε ἐξ ἑαυτοῦ ἐστι πρόδηλον μήτε ἐξ ἑτέρου ἀποδείκνυται, ἀκατάληπτον ἔσται εἰ ἔστι θεός. Ἔτι καὶ τοῦτο λεκτέον. ὁ λέγων εἶναι θεὸν ἤτοι προνοεῖν αὐτὸν τῶν ἐν κόσμῳ φησὶν ἢ οὐ προνοεῖν, καὶ εἰ μὲν προνοεῖν, ἤτοι πάντων ἤ τινων. ἀλλ' εἰ μὲν πάντων προυνόει, οὐκ ἦν ἂν οὔτε κακόν τι οὔτε κακία ἐν τῷ κόσμῳ· κακίας δὲ πάντα μεστὰ εἶναι λέγουσιν· οὐκ ἄρα πάντων προνοεῖν λεχθήσεται ὁ θεός.

(9) Mas se nem é evidente por si só, nem provada por meio de outra coisa, será inapreensível se há deus. Ainda há isso a se dizer: quem diz que deus existe, ou alega que ele é providente com relação [ao que há] no cosmos, ou que não é providente, e se é providente, ou com todas as coisas ou com algumas. Mas se de fato é providente com todas as coisas, não haveria nenhum mal nem maldade no cosmos; mas dizem que tudo está cheio de maldade; portanto, deus não pode ser dito como providente com todas as coisas.

Sképsis: Revista de Filosofia, vol. XVII, n. 33, 2026, p. 138-150 - ISSN 1981-4534

(10) εἰ δέ τινων προνοεῖ, διὰ τί τῶνδε μὲν προνοεῖ, τῶνδε δὲ οὔ; ἤτοι γὰρ καὶ βούλεται καὶ δύναται πάντων προνοεῖν, ἢ βούλεται μέν, οὐ δύναται δέ, ἢ δύναται μέν, οὐ βούλεται δέ, ἢ οὔτε βούλεται οὔτε δύναται. ἀλλ' εἰ μὲν καὶ ἠβούλετο καὶ ἠδύνατο, πάντων ἂν προυνόει· οὐ προνοεῖ δὲ πάντων διὰ τὰ προειρημένα· οὐκ ἄρα καὶ βούλεται καὶ δύναται πάντων προνοεῖν. εἰ δὲ βούλεται μέν, οὐ δύναται δέ, ἀσθενέστερός ἐστι τῆς αἰτίας δι' ἣν οὐ δύναται προνοεῖν ὧν οὐ προνοεῖ·

(10) Mas se é providente com algumas coisas, porque é providente com essas, mas não com aquelas? Pois ou deseja e é capaz de ser providente com todas as coisas, ou deseja mas não é capaz, ou é capaz mas não deseja, ou nem deseja nem é capaz. Mas se desejasse e fosse capaz, seria providente com todas as coisas. Mas não é providente com todas as coisas por causa do que foi dito anteriormente. Portanto, não é o caso que deseja e é capaz de ser providente com todas as coisas, mas se deseja e não é capaz, deus é mais fraco que a causa pela qual não é capaz de ser providente para com aquilo que não é providente.

(11) ἔστι δὲ παρὰ τὴν θεοῦ ἐπίνοιαν τὸ ἀσθενέστερον εἶναί τινος αὐτόν. εἰ δὲ δύναται μὲν πάντων προνοεῖν, οὐ βούλεται δέ, βάσκανος ἂν εἶναι νομισθείη. εἰ δὲ οὔτε βούλεται οὔτε δύναται, καὶ βάσκανός ἐστι καὶ ἀσθενής, ὅπερ λέγειν περὶ θεοῦ ἀσεβούντων ἐστίν. οὐκ ἄρα προνοεῖ τῶν ἐν κόσμῳ ὁ θεός. εἰ δὲ οὐδενὸς πρόνοιαν ποιεῖται οὐδὲ ἔστιν αὐτοῦ ἔργον οὐδὲ ἀποτέλεσμα, οὐχ ἕξει τις εἰπεῖν, πόθεν καταλαμβάνεται ὅτι ἔστι θεός, εἴγε μήτε ἐξ ἑαυτοῦ φαίνεται μήτε δι' ἀποτελεσμάτων τινῶν καταλαμβάνεται. καὶ διὰ

(11) Mas é contrário [ao conceito] de deus pensar que ele é mais fraco que outra coisa. Mas se é capaz de ser providente com todas as coisas, mas não deseja, seria considerado maligno. Mas se nem deseja, nem é capaz [de ser providente com todas as coisas], é maligno e também fraco, que é algo ímpio a se dizer sobre deus. Portanto, deus não é providente com relação [ao que há] no cosmos. Mas se não realiza providência, nem obra nem efeito, ninguém terá como dizer como é apreendido que deus existe, se [isto] nem é aparente por si só, nem através da apreensão de alguns dos seus efeitos.

ταῦτα ἄρα ἀκατάληπτόν ἐστιν εἰ ἔστι θεός.

Portanto, também por isso a existência de deus é inapreensível.

(12) ἐκ δὲ τούτων ἐπιλογιζόμεθα, ὅτι ἴσως ἀσεβεῖν ἀναγκάζονται οἱ διαβεβαιωτικῶς λέγοντες εἶναι θεόν· πάντων μὲν γὰρ αὐτὸν προνοεῖν λέγοντες κακῶν αἴτιον τὸν θεὸν εἶναι φήσουσιν, τινῶν δὲ ἢ καὶ μηδενὸς προνοεῖν αὐτὸν λέγοντες ἤτοι βάσκανον τὸν θεὸν ἢ ἀσθενῆ λέγειν ἀναγκασθήσονται, ταῦτα δέ ἐστιν ἀσεβούντων προδήλως.

(12) A partir disso concluímos que quem afirmativamente diz que deus existe provavelmente é compelido à impiedade; pois dizendo que ele é providente com todas as coisas, afirmam que deus é a causa dos males, mas dizendo que ele é providente com algumas coisas ou com nenhuma, serão compelidos a dizer que deus é ou malicioso ou fraco, mas isso evidentemente é ser impiedoso.

4 Breve comentário

Este breve comentário segue a estrutura em três seções presente na tradução. A estrutura bem acompanha o movimento argumentativo apresentado por Sexto, a saber: (1) primeiro explica o modo como irá abordar o tema; depois (2) apresenta o objeto investigativo; para, em seguida, (3) começar a investigação propriamente dita. Este último movimento argumentativo se subdivide em outros três: (A) a exigência de determinação para o objeto de investigação; (B) o exame da concepção de deus; (C) a investigação da providência de deus. Assim é que os comentários abaixo seguirão a estrutura argumentativa do texto.

4.1 Sobre a parte da física

Essa é uma seção que trata do método de abordagem empregado por Sexto. De início, Sexto encerra o exame da parte lógica e anuncia que empregará o mesmo “método argumentativo” na parte física. A escolha de não discutir cada posição “tópico a tópico” corresponde a uma estratégia de investigação bastante utilizada por Sexto, a saber, começar o exame pelos argumentos mais gerais, “nos quais os restantes estão circunscritos”. Se uma posição particular depende de um princípio cuja aceitação permanece problemática, também fica comprometida sua pretensão de ser estabelecida. Desse modo, “chacoalhar os mais gerais” permite alcançar as posições que deles dependem, sem que seja necessário desenvolver uma objeção independente contra cada uma delas. A decisão de começar pelos princípios parece claramente decorrer dessa organização. Antes de examinar explicações particulares sobre o cosmos, Sexto investiga aquilo que os dogmáticos apresentam como fundamento dessas explicações. O procedimento busca atingir as condições que sustentam tais posições. Com efeito, se os princípios não podem ser estabelecidos, as posições dependentes deles também precisam ser reconsideradas.

4.2 Sobre os princípios ativos

Essa seção é importante, pois aqui Sexto indica o objeto investigativo e por onde pretende começar o exame. A distinção entre princípios materiais e ativos permite

delimitar o primeiro objeto da investigação. Sexto começa pelos princípios ativos porque os interlocutores os consideram "mais importantes que os materiais". A ordem de investigação acompanha a importância que os próprios dogmáticos atribuem aos princípios. Sexto parece consentir com a ordem de investigação dos seus adversários, sem estabelecer por conta própria a hierarquia dos objetos a serem examinados.

O ponto parece ser relevante para compreender a passagem à seção seguinte. Se os princípios ativos ocupam essa posição e deus é apresentado como "a causa mais ativa de todas", então, o exame de deus constitui um começo apropriado para a investigação. A discussão sobre sua existência está inserida no problema mais geral dos princípios que deveriam explicar o que ocorre no cosmos e faz parte, portanto, dos estudos da física.

4.3 Sobre deus

Esta seção começa o exame, pelo método indicado na primeira seção anterior, do objeto apresentado na segunda seção. Assim, Sexto inicia por identificar o princípio ativo mais geral, deus é "a causa mais ativa de todas", e explica por que seu exame abre a investigação dos princípios ativos. Antes de argumentar, Sexto esclarece sua relação com os deuses: "seguindo a vida inopinadamente", diz que há deuses, que é piedoso quanto aos deuses e que eles são providentes. Essa declaração orienta a leitura da argumentação que se seguirá, pois o cético distingue o decurso da vida de uma pretensão de estabelecer posições sobre a substância e a atuação dos deuses. Nesse sentido, o cético pode acompanhar as práticas de piedade e empregar as afirmações que pertencem a esse contexto sem assumir que dispõe de uma prova capaz de determinar como os deuses são ou de que maneira são providentes. Por isso, "inopinadamente" caracteriza o modo pelo qual essas afirmações são empregadas: elas acompanham o decurso da vida sem exigir que o cético resolva previamente as controvérsias teológicas, i. e., sem assentimento dogmático. O alvo das objeções seguintes é a "precipitação dos dogmáticos", i. e., a segurança com que apresentam como estabelecidas posições que, submetidas ao exame, suscitam discordâncias e aporias. É importante a observância com relação a esta declaração inicial, pois ela impede que a crítica dessas posições seja imediatamente entendida como abandono da piedade quanto aos deuses. Sexto preserva a possibilidade de acompanhar a vida religiosa e simultaneamente investiga se os dogmáticos conseguem sustentar as concepções e provas que apresentam. A piedade e a investigação se articulam, uma vez que Sexto parece subscrever o entendimento de que participar da vida não depende de estabelecer uma teoria sobre aquilo que nela se diz e se pratica. A sequência da investigação ocorre em três movimentos argumentativos: (A) estabelece as exigências para tratar do objeto investigativo, deus; (B) examina a possibilidade da existência de deus; (C) investiga a possibilidade da providência de deus.

(A) O primeiro movimento da investigação é relativo às condições para conceber aquilo de que se fala. Em III, 2, Sexto considera necessário determinar qualificativos que indiquem o objeto investigativo: a substância, a forma e a relação com um lugar. Essas exigências procuram esclarecer o conteúdo daquilo que se coloca à investigação, dado que dizer que algo existe pressupõe poder indicar o que se está concebendo ao falar desse algo. Relativamente à substância, é preciso determinar, por exemplo, se se trata de algo corpóreo ou incorpóreo; quanto à forma, é preciso determinar como aquilo que se concebe se caracteriza. O exemplo do cavalo é empregado para ilustrar essa exigência: conceber um cavalo pressupõe ter aprendido sua forma, pois é ela que permite reconhecer aquilo de que se fala. Sexto exige que os interlocutores apresentem elementos pelos quais se possa apreender uma concepção daquilo cuja existência será discutida. Em III, 3, pode-se

acompanhar a aplicação dessas exigências às posições dogmáticas sobre deus. As respostas evidentemente divergem: deus seria corpóreo ou incorpóreo, teria ou não forma humana, existiria ou não em um espaço; admitida sua existência em um espaço, estaria dentro ou fora do cosmos. Já por essas determinações pode-se perceber as dificuldades emergentes que parecem configurar a ausência de acordo sobre os elementos que deveriam permitir apreender uma concepção de deus. Os dogmáticos exigem que seu interlocutor conceba o objeto da discussão, mas não oferecem uma caracterização consensual desse objeto. Enquanto discordarem “sem solução”, não oferecem ao cético uma resposta acordada sobre aquilo que ele deve conceber.

Em III, 4, os interlocutores procuram contornar essa dificuldade mediante os atributos “incorruptível e abençoado”. A proposta consiste em conceber algo com essas características e considerá-lo deus. Sexto responde que “isso é tolice”, pois a atribuição dessas características pressupõe aquilo que deveria esclarecer. Ora, se ‘incorruptível’ e ‘abençoado’ são atributos de deus, segue a objeção segundo a qual sem conhecer a natureza daquilo a que esses atributos pertencem, não se poderia concebê-los como sendo atributos. O exemplo de Dio apresenta a premissa do argumento, quem não conhece Dio não pode conceber determinados atributos como atributos dele. Aplicado a deus, o raciocínio sustenta que, sem conhecer sua substância, não poderíamos aprender e conceber os atributos como seus atributos. A simples apresentação de ‘incorruptível’ e ‘abençoado’ não assegura a ligação entre essas características e aquilo a que pertenceriam. III, 5 traz uma objeção, admitindo o seguinte: mesmo que os interlocutores pudessem identificar deus mediante esses atributos, ainda precisariam explicar o que é o ‘abençoado’. Aqui, Sexto parte para a contraposição de duas caracterizações para o termo: a “ação de acordo com a virtude e com a precognição do que é ordenado a si próprio” e a “inação e não causar desassossego nem para si nem para os outros”. A oposição parece ser estabelecida mediante à relação entre o ‘abençoado’, a atividade e aquilo que está ordenado a si próprio. Como também nesse ponto há discordância “sem solução” entre os dogmáticos, o atributo destinado a esclarecer deus torna-se problemático por ser difícil de ser estabelecido. A conclusão da dependência da caracterização de deus por meio de seus atributos encontra o seguinte entrave: se o ‘abençoado’ permanece ‘incognoscível para nós’ (pois não há critério consensual para o seu estabelecimento) e se deus é apresentado por meio desse atributo, então, também sua caracterização fica comprometida.

(B) O segundo movimento começa em III, 6, quando concede hipoteticamente: “ainda que deus seja concebido…”. Sexto admite provisoriamente aquilo que os passos anteriores tornaram problemático, com o intuito de mostrar que uma dificuldade adicional não elimina o problema, pois possuir uma concepção de deus ainda não estabelece que ele existe. O exame principia pela possibilidade de que a existência de deus seja evidente por si mesma. Então, Sexto objeta, com as exigências apresentadas no início da seção, se deus se desse a nós por si mesmo, os dogmáticos estariam de acordo sobre o que ele é, de que tipo é e onde está (a determinação de substância, forma e lugar). A discordância apresentada em III, 3 impede que a existência de deus seja tomada como evidente. Assim é que deus passa a figurar como “não-evidente” e “carecendo de prova”.

Exigida uma prova, III, 7 divide em duas as possibilidades: (i) quem prova que deus existe o faz por algo evidente ou (ii) por algo não-evidente. A possibilidade (i) é examinada mediante a premissa de que “o que é provado é concebido relativamente ao que o prova” e, por isso, “é apreendido junto com ele”. Se aquilo que prova a existência de deus fosse evidente, a existência de deus também seria evidente, porque seria apreendida junto com esse elemento. Ao que parece, Sexto mostra que a inferência depende da apreensão conjunta do que prova e do que é

provado, de modo que essa premissa permite estender ao provado a evidência daquilo que o prova. A possibilidade (ii) é examinada em III, 8 e o argumento é bem simples: uma prova por algo não-evidente enfrenta a dificuldade de que esse elemento também "carece de prova"; se fosse provado por algo evidente, ele também seria evidente, donde retornaria-se para o problema da possibilidade (i). Se fosse provado por outro não-evidente, esse novo elemento também precisaria de prova e uma regressão seria instalada. Ora, um "regresso ao infinito" nesses moldes se instalaria, pois para cada não-evidente apresentado, solicitaria-se uma prova adicional, sem que se alcançasse um ponto estabelecido. O começo de III, 9 reúne os resultados das provas: se a existência de deus não é evidente por si só nem provada mediante outra coisa, então, "será inapreensível se há deus".

(C) O terceiro movimento introduz o tema da providência, avançando o exame para considerar se deus é providente relativamente ao que há no cosmos. Os dogmáticos que defendem a providência por parte de deus devem esclarecer se deus é providente, será com todas as coisas ou com algumas? A hipótese de uma providência de todas as coisas é considerada sob a consigna do problema do mal: se deus fosse providente com todas as coisas, não haveria nenhum mal nem maldade; contudo, os interlocutores dizem que tudo está cheio de maldade; logo, deus não poderia ser providente de todas as coisas. A hipótese é claramente descartada sob argumentação em modus tollens.

A hipótese segundo a qual uma providência limitada, exige a explicação das razões que fariam deus ser providente de algumas coisas e não de outras. Em III, 10, a questão é organizada segundo duas condições, a saber, desejar e ser capaz. As combinações são quatro: deseja e é capaz; deseja, mas não é capaz; é capaz, mas não deseja; nem deseja nem é capaz. A primeira é excluída porque, se desejasse e fosse capaz de ser providente com todas as coisas, seria providente com todas elas, resultado recusado anteriormente. Em III, 11 o exame das possibilidades é completado: se deus deseja, mas não é capaz, seria "mais fraco" que a causa que impede sua atuação, contrariando o conceito de deus empregado no argumento. Se é capaz, mas não deseja, seria considerado "maligno", porque poderia ser providente e não o seria. Se nem deseja nem é capaz, seria maligno e fraco. Tais consequências são confrontadas com aquilo que os dogmáticos consideram admissível dizer de deus e atribuir-lhe tais características seria ímpio. A discussão retorna, então, à apreensão de sua existência. 'Realizar a providência', 'obra' e 'efeito' introduzem aquilo por meio do qual se poderia apreender que deus existe. Na hipótese de deus não realizar providencialmente nada (portanto, não havendo obra sua, nem efeito seu), então, ninguém poderia dizer como é apreendida a existência de deus, uma vez que a evidência se constituiria por meio da realização de sua providência. Ora, não haver obra nem efeito de deus, faz com que sua existência tampouco possa ser aparente por si só.

Por fim, III, 12 conclui que os resultados da investigação são uma dificuldade para quem "afirmativamente diz que deus existe". Se afirma que ele é providente com todas as coisas, deverá relacionar sua atuação também aos males existentes no cosmos, chegando à afirmação de que deus é "a causa dos males". Se limita a providência ou a exclui, reaparecem as consequências anteriores: deus seria malicioso ou fraco. As alternativas conduzem a afirmações consideradas impiedosas pelos próprios interlocutores. O 'provavelmente' conserva uma reserva nessa conclusão. A seção termina em relação direta com sua abertura, pois lá Sexto apresenta sua piedade relativamente aos deuses aos deuses no decurso da vida "inopinadamente", já aqui, mostra como as posições dogmáticas podem levar seus defensores a consequências religiosas problemáticas e até mesmo a impiedade.

Referências

BRITO, R. P. (2018). (Trad.). *Sexto Empírico e os animais*: tradução espelhada do primeiro tropo de Enesidemo (Esboços Pirrônicos I, 36-79.1). In: Rónai: revista de estudos clássicos e tradutórios – 2018 V.6 N.2 – pp. 80-92 – UFJF – Juiz de Fora.

BRITO, R. P. (2024). *Sobre a noção de linguagem subjacente ao ceticismo pirrônico sextiano*: um estudo do livro I de Esboços Pirrônicos, de Sexto Empírico, acompanhado de tradução e de uma investigação teórico-metodológica. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguagem e Humanidades. Juiz de Fora: UFJF.

BRITO, R. P. (2025). *Sexto Empírico*: Justicia y Motivación Moral (el surgimiento del convencionalismo comunitario Sexteano entre las consecuencias de la impiedad atea y las de la piedad dogmática estoica). In: Sképsis: Revista de Filosofia, Vol. XVI, N. 31, 2025, p. 39-49.

BRITO, R. P.; HUGUENIN, R. (2019). (trads.). *Sexto Empírico e as diferenças entre o Pirronismo e a filosofia dos Acadêmicos:* Tradução de Esboços Pirrônicos 1.220-235. In: Rev. Archai, n. 27, Brasília, 2019, e02711.

BRITO, R. P.; HUGUENIN, R. (2020). (trads.). *Esboços pirrônicos* 1.36-163: os 10 modos de Enesidemo. In: Sképsis: Revista de Filosofia ISSN 1981-4534 Vol. XI, N. 21, 2020, p. 107-142.

BRITO, R. P.; HUGUENIN, R.; SMITH, P. J. (2024). (trads.). *Sexto Empírico:* os cinco modos de Agripa (PH 1.164-177). In: Sképsis: Revista de Filosofia ISSN 1981-4534 Vol. XV, N. 29, 2024, p. 102-105.

MATES, Benson. (1996) *The Skeptic Way:* Sextus Empiricus's Outlines of Pyrrhonism. New York: Oxford University Press.

MOISÉS MAIMÔNIDES. (2024). *The Guide to the Perplexed*. A new translation. GOODMAN, L.; LIEBERMAN, P. I. (trads.). Stanford: Stanford University Press.

SEXTO EMPÍRICO. (1912). *Pyrrhoniae Hypotyposes*. In: Sexti Empirici opera, vol. 1. MUTSCHMANN, H. (ed.). Leipzig: Teubner.

SEXTO EMPÍRICO. (2022). *Sextus Empiricus*. BEKKER, I. (ed.). Reprint: Berlim: De Gruyter.

SEXTO EMPÍRICO. (1933). *Outlines of Pyrrhonism*. BURY, R. G. (trad.). Cambridge: Harvard University Press.

SEXTO EMPÍRICO. (1997). *Esquisses pyrrhoniennes*. Introdução, tradução e comentários de Pierre Pellegrin. Paris: Éditions du Seuil.